Sonhar com a Câmara é para quem tem voto

21/02/2020

Aos poucos o feirense vai se envolvendo com o clima das eleições municipais. É que, pelas ruas, já se vêem adesivos de pré-candidatos em para-choques e vidros de automóveis. Alguns pré-candidatos, mais afoitos, já estão apertando mão de eleitor há tempos, anunciando mudanças drásticas, comprometendo-se em atender às aspirações do cidadão. Promessas do gênero já se ouviram na "onda vermelha", na "onda azul" e, mais recentemente, em 2018, com a "nova política". Deu no que se vê por aí.

A lufa-lufa vai se intensificando porque, logo depois do Carnaval – quando o ano político formalmente desponta –, abre-se a janela partidária em 05 de março. A partir daquela data e até 05 de abril, todo mundo que almeja mandato em 2020 poderá mudar de partido ou ingressar num deles, caso seja retardatário ou indeciso.

Muita gente suspira por fórmulas mágicas para garantir eleição com menos votos. No fundo, em eleição não há muito espaço para sonho: ganha sempre quem é mais votado. Os resultados aqui na Feira de Santana, em 2016, mostram que as chances de quem corre por fora são residuais.

Os nove primeiros colocados – e eleitos – cravaram, no mínimo, 5,1 mil votos. É muita coisa numa cidade com cerca de 380 mil eleitores. Os 17 primeiros – grupo composto por quatro suplentes que acabaram assumindo o mandato – tiveram, pelo menos, 3,8 mil votos, aproximadamente.

Mesmo a partir daí a margem para milagre é bem restrita. Outros três eleitos tiveram, pelo menos, 2,9 mil votos. Ficaram à frente de gente que, com mais votos, amargou a suplência e ficou à espera da ascensão dos vencedores para as secretarias municipais. Isso quando eles próprios não foram alçados, é óbvio.

Na sequência, três candidatos gravitaram em torno de dois mil sufrágios. E somente um chegou à Câmara Municipal com 1,8 mil votos. Gente com desempenho eleitoral mais robusto – vários – ficou pelo caminho com até 1,1 mil votos a mais.

Muita gente corre em busca de "milagre" semelhante: ingressar numa legenda modesta que garanta eleição com menos de dois mil votos. Muito da movimentação que se vê por aí deriva dessa crença. Só que, apesar das esperanças, o jogo eleitoral vem se afunilando eleição após eleição e quem não dispõe de uma batelada de sufrágios tende a ficar cada vez mais alijado do jogo.

A novidade da cláusula de barreira e a proibição da coligação proporcional tendem a tornar o jogo menos imprevisível, desencantando os esperançosos. Os grandes partidos e os *players* eleitorais tendem a se firmar no longo prazo. Isso a princípio favorece, inclusive, quem já exerce mandato.

Esses fatos tendem a tornar menos frenético o jogo eleitoral? Nem tanto. Muitos miram uma cadeira no Legislativo, mas se contentam com um cargo de confiança com salário menos polpudo no Executivo. Expectativas do gênero, portanto, sinalizam para a manutenção do embalo nos próximos pleitos...

André Pomponet

LEIA MAIS

Caneta Afiada
Caneta Afiada
26/02/2020

Caneta Afiada
Caneta Afiada
19/02/2020

André Pomponet
Pacotes de obras podem ser
19/02/2020

André Pomponet
George Américo e a ocupaç
de aviação
17/02/2020

Caneta Afiada
Caneta Afiada
13/02/2020

« Anterior Pr